

INSTITUTO DE ARTE

de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea



Claro Enigma



Dia Submarino

MAFE

40 Pinturas, 1974

A Galeria

Rua Haddock Lobo, 1111

São Paulo, Brasil

De 24 de Setembro a 19 de Outubro

Manabu Mabe nasceu em Kumamoto, Japão, em setembro de 1924, filho de um próspero homem de negócios. Dez anos depois, a família, em dificuldades financeiras, emigrou para o Brasil, e o jovem Mabe foi ser agricultor em Birigui e Lins, no interior do Estado de São Paulo. Viveu desse trabalho até a idade adulta, embora já dedicasse, desde a infância, as poucas horas vagas ao exercício, sempre auto-didata, do desenho. Na década de 50, começou a participar regularmente da arte brasileira, enviando obras para o Salão Nacional do Rio de Janeiro, o Salão Paulista, e a II e III Bienais. Ao mesmo tempo, já morando em São Paulo, vendia gravatas pintadas à mão, para equilibrar o exíguo orçamento da família. Em 1959, explodiu literalmente como o maior acontecimento artístico do ano. "De repente, o redemoinho do sucesso sugou Mabe em seu turbilhão, e o lançou às alturas" - proclamou a revista "Time". "E não só o transformou na grande atração brasileira como também na mais brilhante descoberta da temporada." Primeiro, foi o prêmio de Melhor Pintor Nacional na V Bienal de São Paulo. Dez dias depois, o Prêmio Braun para Melhor Pintor a Óleo na I Bienal dos Jovens de Paris, além de uma bolsa de estudos de seis meses. No ano seguinte, veio o Prêmio Fiat da XXX Bienal de Veneza, e, em 1962, o Grande Prêmio da Bienal Americana de Arte de Córdoba. Daí para diante, Mabe se firmou como estrela de primeira grandeza. Tem exposto ininterruptamente em todas as coletivas brasileiras de importância que percorrem o exterior. Individualmente, mostrou seus trabalhos em galerias do Rio, São Paulo, Roma, Nova York, Paris, Trieste, Veneza, Washington (na União Pan-Americana), México, Tóquio, Osaka, e nos Museus de Houston, Texas, e Kioto, no Japão. Integra os acervos de museus como os de Arte Contemporânea de Boston, Munique e São Paulo, os de Arte Moderna do Rio e Salvador, o Dallas Museum of Fine Arts, o Walker Art Center de Minneapolis. Divide seu tempo entre três cidades, onde vive e pinta alternadamente, São Paulo, Tóquio e Nova York. E parece ter-se transformado, de fato, num dos poucos brasileiros cuja obra tem livre trânsito efetivo nos mercados internacionais.





Canto Solar

Há exatamente quinze anos que Manabu Mabe despontou na arte brasileira, com um brilho e um impacto já referidos em outra parte deste catálogo. Ao longo desse tempo, percorreu um itinerário quase plano, cujo único acidente (no sentido geográfico do termo) foi a reincursão, há cerca de três anos, pelos domínios da figura. Nem se tratou, aliás, de reincursão. Para Mabe, a figura foi sempre uma alternativa válida, que ele não abandonou nem nos momentos mais vigorosamente abstratos. Por isso, ressurgiu nas grandes telas de 1970/71, que sugeriam seres humanos num erótico processo de mutuofagia ou fusão. E ressurgiu, ainda hoje, em certos quadros híbridos (vasos de flores, por exemplo), que oscilam claramente entre a realidade e a abstração.

Não há dúvida, contudo, de que é como pintor abstrato que Mabe conquistou e individualizou o seu lugar. O fato de que o próprio artista não estabeleça uma hierarquia entre as duas opções não anula a evidência de que foi só numa delas que ele se encontrou. Há pouco, algumas de suas obras da década de 50 me foram mostradas, como parte da conversa preparatória a este texto. Pareceram-me, é certo, exemplos de um artesanato bem resolvido, de um sólido métier. Mas sugeriram, também, a falta de convicção no uso de uma linguagem de limitadas possibilidades expressivas. Como se o próprio Mabe não sentisse, na figura, força suficiente para ser o suporte do objeto autônomo que pretendia criar. Por outro lado, essas obras antigas demonstraram uma trajetória progressiva e linear. Em 1953/54, Mabe chegara a naturezas-mortas onde as linhas se cruzam ortogonalmente no espaço, numa espécie de diluição lírica do cubismo. Em 1956, instruído pelos livros que ia devorando e pelas visitas às Bienais, já produz telas virtualmente abstratas. São manchas de cores justapostas, que podem até lembrar uma vertente européia do tachismo - Magnelli, Bissière, Fautrier. Segundo o Prof. Walter Zanini, o passo decisivo se dá por volta de 1957. Como e por que? Primeiro, sem dúvida, por um inevitável processo de amadurecimento interior: "A gente vai sempre se cansando do que faz, não?"

- observa Mabe. Segundo, por um fator extrínseco que veio ao encontro do processo: a descoberta, entre 1956/58, da obra do norte-americano Franz Kline (que permanecerá, por muito tempo, como o parente estilístico mais próximo) e, logo a seguir, da Escola do Pacífico e seu inspirador Marc Tobey. Quando, em 1959, Mabe comparece à Bienal de São Paulo para arrancar seu grande prêmio, vem liberto da contenção de sua abstração neo-cubista. Lança, em amplas superfícies, as manchas agressivas e os traços vibrantes da recente liberdade. E logo se integra na poderosa família dos gestuais, que fazem, do ato de inscrever suas vivências direta e instantaneamente sobre a tela, o próprio núcleo e objetivo do trabalho pictórico. É inegável que Manabu Mabe permaneceu sempre fiel a essa opção. Muitas são, porém, as variáveis que o expressionismo abstrato possibilita. (Basta ver as distinções e semelhanças que matizam, por exemplo, as obras de Hartung, Sonderborg, Michaux, Bissier, Soulages, Kline, Motherwell, Goetz, Gottlieb, Tobey, Tomlin, Rothko, e Pollock.) E não é de espantar que também ele tenha vagueado por mais de uma fase. Houve, assim, o Mabe dos vastos espaços e largos movimentos de braço, costurando com faixas caligráficas as florestas de pasta jogadas como base. Houve a época de prevalência da própria mancha, arquetipicamente uterina, cheia de texturas e cores superpostas, que o pincel ia descobrindo num processo de escavação. Há, hoje, o Mabe que parece preferir a sutileza da música de câmara às grandes formas sinfônicas. Quase todas as telas desta etapa jogam com o prazer de pequenas descobertas. Os arabescos com o tubo, por exemplo, substituíram o gesto amplo e sensual. A estrutura repousa apenas em um núcleo de cor, que se opõe a uma trama de fios líricos. Entre os dois, Mabe suscita um inequívoco mas levíssimo sistema de equilíbrio instável, quase tensão. E demonstra que a tela ainda é o campo onde esse ex-agricultor melhor sabe plantar (e adubar) suas emoções.

Olívio Tavares de Araújo



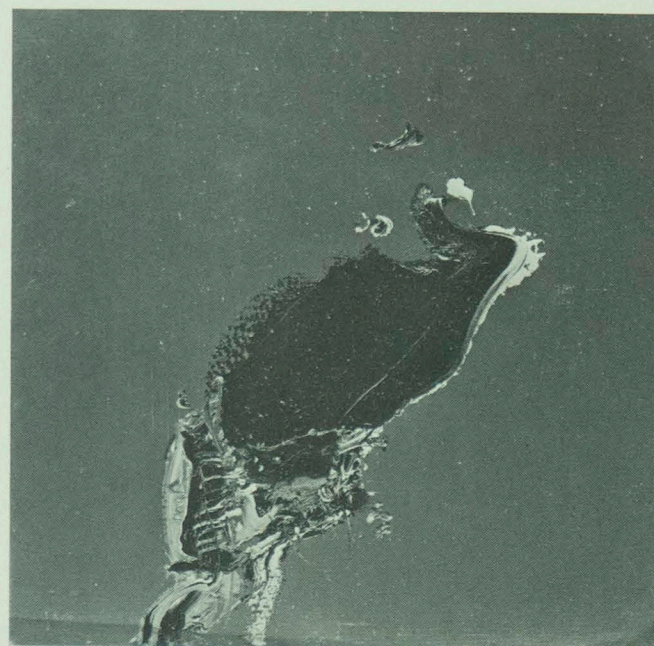
Pequeno Pássaro



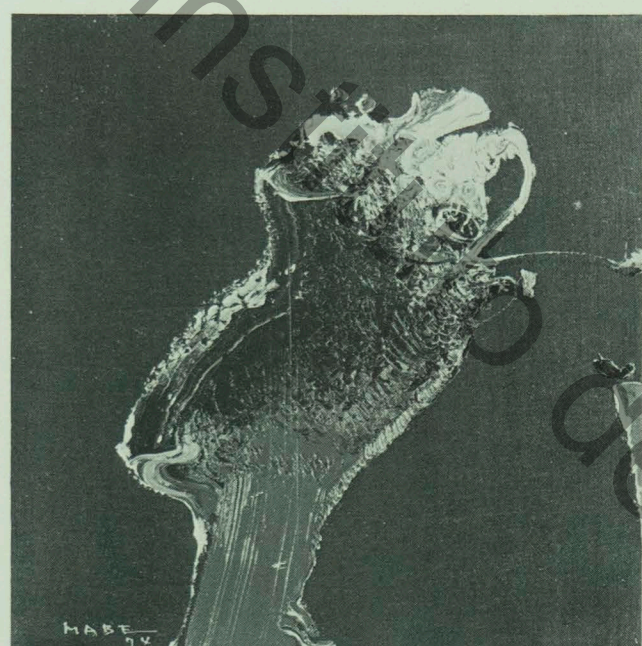
Personagem



No Verão



Ressurreição



Surgimento



Pulsção



Sem título



Porém a Terra



Mar Refletido

Trabalhando já exclusivamente com óleo, Mabe vai travando uma espécie de diálogo íntimo e sensível com a matéria que por vezes, nos brancos sobretudo, ele domina e supera para revelar e transmitir surpreendentes e líricos acontecimentos da sua vida interior. Um requintado e inesperado colóquio amoroso em quem se socorria de um grafismo ou mancha tão autoritários. Mabe requinta-se e se encanta nesta espécie de lua-de-mel com a matéria.

Jayme Maurício
Catálogo da exposição no Museu de Arte Moderna
Rio, 1960

A pintura de Manabu Mabe se impõe à atenção de todos os interessados na arte moderna, sejam amadores ou críticos, pela natureza da execução e pela qualidade da inspiração. A expressão "bem feito" não basta para qualificar sua factura. Esta vale sobretudo por uma rapidez que não é agitação, uma agilidade que não é virtuosismo, um vigor que não é gesto nem gesticulação, e sim um esforço dosado para imprimir à superfície um ritmo e um movimento.

Georges Boudaille
Revista "Cimaise", Paris, 1963

O que mais me interessa na pintura de Mabe é a precisão com que ele reduz o esforço. Em sua rapidez, não nos entrega um esboço ou um apontamento, mas sim uma obra total, cerrada, pronta, onde há um rasgo, um gesto, um golpe de vista. Tudo isso, conseguido com madurez, com perfeição, com um acabamento que é patrimônio dessa gente de olhinhos rasgados, sorridentes e remotos, que ajudou o ocidental a ver a natureza e a conceber um novo equilíbrio para a composição.

José Luís Cuevas
Revista "Siempre", México, 1968

O japonês Mabe vem sendo brasileiro há mais de 35 anos. Transplantado para esse solo virgem, ele trouxe consigo a memória de um país e séculos de uma antiga civilização. Seu desenho caligráfico reflete a sutil e poética inspiração oriental, enquanto suas cores elétricas comunicam a inquestionável beleza natural do Brasil. A explosiva expansão da moderna e vibrante São Paulo fica em um lado de seu subconsciente; o mistério, o simbolismo e a ordem do Oriente ficam no outro.

Mary Hancock Buxton
Catálogo da exposição no Museum of Fine Arts
Houston, Texas, 1970

Eu gosto pintar como nasceu. Quando pintando, esqueço tudo. Para mim, viver é pintar, e eu comecei por isso. Papai foi imigração para Brasil há 37 anos passados e eu cheguei com 10 anos. E fiquei na lavoura, derrubando mato, capinando. Mas gostava desenhar com crayon e pintura começou na minha vida. De noite, domingos, dias de chuva.

Para mim, sem pintar todo o tempo, não podia mais. Tentei. Avisei minha mulher. Passar fome, mas eu gosto. Sem pintar não posso viver. Como na beirada de uma encosta. Não pode afastar mais. Só para frente. Assim.

Eu sempre procuro, quando pinto quadro, que não é só pintar, eu falo com outro Mabe. Pergunto por que pinta? Para que procura esse quadro? O que procura no quadro? Filosofia. Eu tenho que tocar Mabe, aprofundar. Um quadro, para mim, meu retrato. O meu atual está todo no quadro.

Mais a forma, a cor, a razão dele (do quadro), o jeito. O fundo é importante. O quadro bom fala sempre. O quadro que morre não é bom. O valor do quadro a época resolve. Se as pessoas não ligam depois de 50 anos, é porque não adiantou nada. A época resolve tudo. Da Vinci, Michelangelo e Botticelli ficam sempre. O mundo apagou os ruins.

Manabu Mabe

Entrevista ao Jornal do Brasil, 1971

Sempre pinto para mim. Necessidade de expressão. Há quinze anos passados, preocupava-me com quem vê o quadro. Hoje não. O quadro sai às vezes num momento. As vezes demora. Pinto e só depois me torno outra pessoa e vejo o quadro à distância.

Figura e abstração mesma coisa. O artista não tem que se amarrar a nenhuma das duas. O problema é secundário. E ambas me realizam. Explicações, literatura, também são secundárias.

A profundidade de um quadro está relacionada com a personalidade do autor. O quadro é um documento da vida do artista.

Antigamente, quando praticava uma pintura mais técnica, pensava que estava fazendo bons quadros. Nos últimos dez anos, tenho que me aprofundar, para que o quadro saia bom.

Manabu Mabe

São Paulo, 15.8.1974



Vaga Música

Obras Expostas

- 1 Surgimento
- 2 Ruptura
- 3 Porém a Terra
- 4 Pequeno Pássaro
- 5 Jogo Duplo
- 6 Resistência
- 7 Nostalgia
- 8 Episódio
- 9 Sem título
- 10 Canto Solar
- 11 Flor da Manhã
- 12 Vigília
- 13 Expansão
- 14 Tropical
- 15 Mar Refletido
- 16 Vento Sul
- 17 No Verão
- 18 Sem título
- 19 Vaga Música
- 20 Pulsação
- 21 Personagem
- 22 Segmento
- 23 Direcional
- 24 Luz de Quartzo
- 25 Inscrição
- 26 Dia Submarino
- 27 Sem título
- 28 Resíduo
- 29 Emergindo
- 30 Reflexão
- 31 Por que?
- 32 Aventura
- 33 O Sinete
- 34 Ressurreição
- 35 Surpresa
- 36 Sem título
- 37 Sem título
- 38 Bipolar
- 39 Alvorada
- 40 Claro Enigma



Emergindo



Publicado por A Galeria
Rua Haddock Lobo, 1111
Tels.: (011) 282-1942 / 282-5083
Edição e layout: Ver & Ouvir
Rua Bela Cintra, 321 / 13
Tel.: (011) 256-7045
Fotos a cores, Juan Badia
Fotolitos, Multicrom
Impresso por Gráfica Impressores Ltda.
Rua Augusta, 551
Tel.: (011) 256-1426
São Paulo, Brasil

instituto de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea

MABE

40 Pinturas, 1974

Exposição: de 24 de setembro
a 19 de outubro de 1974

Aberta diariamente das 14 às 23 horas



A Galeria

Rua Haddock Lobo, 1111-014-14 São Paulo
tels. 282-1942/282-5083/80-6434

Vernissage/Coquetel dia 24 às 20 horas